

MOSAB HASSAN YOUSEF

# FILHO DO HAMAS

Tradução de  
Marcello Lino

alma  
dos  
livros

*Ao meu amado pai e à minha família, que me apoiou.  
Às vítimas do conflito entre Israel e a Palestina.  
A cada vida que o meu Senhor salvou.*

À minha família, tenho muito orgulho em vocês. Só o meu Deus pode entender aquilo por que têm passado. Sei que o que fiz abriu outra ferida profunda, que pode não cicatrizar nesta vida e levar a que tenham de conviver com essa vergonha para sempre.

Podia ter sido um herói e um motivo de orgulho para o meu povo, um combatente que dedicou a vida e a família à causa de uma nação. Mesmo que fosse morto, a minha história seria contada por muitas gerações, que se orgulhariam de mim para sempre.

No entanto, em vez de herói, tornei-me um traidor aos olhos do meu povo. Embora este já se tenha orgulhado de mim, agora só lhe causo vergonha. Apesar de já ter sido um príncipe, agora não passo de um estranho num país estrangeiro, a lutar contra a solidão e a escuridão.

Sei que me consideram um traidor, mas, por favor, compreendam que não foi a vocês que escolhi trair, mas sim à noção que têm do que é ser um herói. Só haverá paz quando as nações do Médio Oriente – formadas tanto por judeus como por árabes – começarem a entender parte do que eu entendo. Se o meu Senhor foi rejeitado por salvar o mundo do castigo do Inferno, então também aceito o facto de ser renegado!

Não sei o que o futuro me reserva, mas não tenho medo. E, agora, quero contar-vos algo que me ajudou a sobreviver até este momento: toda a culpa e a vergonha que carrego há tantos anos é um preço pequeno a pagar se pelo menos uma vida inocente for salva.

Quantas pessoas reconhecem e compreendem o que fiz? Não muitas. Mas tudo bem. Eu acreditava no que fazia, e ainda acredito, e esse é o combustível que me incentiva a continuar nesta longa jornada. Cada gota de sangue inocente que foi poupada dá-me esperança para seguir em frente até ao último dia.

Eu paguei, vocês pagaram, mas as contas da guerra e da paz parecem nunca acabar. Que Deus nos acompanhe e nos dê força para carregar esse pesado fardo.

Com amor,

O vosso filho

## *Índice*

Uma palavra do autor .....	11
Prefácio .....	13
Mapa de Israel e dos territórios ocupados .....	16
Capítulo Um: Capturado .....	17
Capítulo Dois: A escada da fé .....	21
Capítulo Três: A Irmandade Muçulmana .....	29
Capítulo Quatro: Atirando pedras .....	37
Capítulo Cinco: Sobrevivência .....	45
Capítulo Seis: O regresso de um herói .....	53
Capítulo Sete: Radical .....	59
Capítulo Oito: Atiçando as chamas .....	63
Capítulo Nove: Armas .....	75
Capítulo Dez: O Matadouro .....	81
Capítulo Onze: A oferta .....	89
Capítulo Doze: Número 823 .....	99
Capítulo Treze: Não confies em ninguém .....	107
Capítulo Catorze: Rebelião .....	115

Capítulo Quinze: A estrada para Damasco .....	123
Capítulo Dezasseis: A Segunda Intifada .....	135
Capítulo Dezassete: Agente secreto .....	145
Capítulo Dezoito: O mais procurado .....	155
Capítulo Dezanove: Sapatos .....	163
Capítulo Vinte: Dividido .....	173
Capítulo Vinte e Um: O jogo .....	181
Capítulo Vinte e Dois: Escudo defensivo .....	191
Capítulo Vinte e Três: Proteção sobrenatural .....	199
Capítulo Vinte e Quatro: Prisão preventiva .....	207
Capítulo Vinte e Cinco: Saleh .....	217
Capítulo Vinte e Seis: Uma visão para o Hamas .....	229
Capítulo Vinte e Sete: Adeus .....	237
Epílogo .....	247
<i>Post scriptum</i> .....	251
As personagens .....	257
Glossário .....	261
Cronologia .....	265
Notas .....	267

## *Uma palavra do autor*

O tempo é sequencial, como um fio que cobre a distância entre o nascimento e a morte.

No entanto, os acontecimentos parecem-se mais com um tapete persa – milhares de fios das mais lindas cores a entrelaçar-se para formar complexos padrões e imagens. Qualquer tentativa de colocar os acontecimentos numa ordem puramente cronológica seria como soltar os fios e organizá-los numa sequência linear. Isso poderia ser mais simples, mas perder-se-ia o desenho.

Os acontecimentos relatados neste livro são as minhas lembranças mais precisas, tiradas do novelo da minha vida nos territórios ocupados por Israel e tecidas à medida que iam ocorrendo, de forma consecutiva e simultânea.

Para fornecer pontos de referência e explicar os nomes e termos árabes, incluí uma breve cronologia nos apêndices, além de um glosário e uma lista dos personagens reais mencionados ao longo do livro.

Por razões de segurança, omiti intencionalmente uma boa parte dos detalhes das operações confidenciais realizadas pelo serviço de segurança de Israel, o Shin Bet. As informações reveladas neste livro não põem em risco, de forma alguma, a guerra global ao terrorismo, na qual Israel desempenha um papel de liderança.

## *Prefácio*

**H**á mais de cinco décadas, a paz no Médio Oriente tem sido o Santo Graal de diplomatas, primeiros-ministros e presidentes. Os novos rostos que surgem no cenário mundial acreditam ser capazes de resolver o conflito árabe-israelita. No entanto, todos fracassam por completo, como os seus predecessores.

A verdade é que poucos ocidentais conseguem entender as complexidades dessa região e do seu povo. Porém, eu sou capaz de o fazer, devido ao facto de ter uma perspetiva totalmente singular: sou fruto da região e desse conflito. Sou filho do Islão e de um homem acusado de terrorismo. Mas também sou um seguidor de Jesus.

Antes de completar 21 anos, vi coisas que ninguém deveria ver: pobreza abjeta, abuso de poder, tortura e morte. Testemunhei a partir dos bastidores as negociações de líderes supremos do Médio Oriente que são manchete nos jornais de todo o mundo. Desfrutei da confiança dos mais altos líderes do Hamas e participei na Primeira Intifada. Fui preso e fiquei encarcerado nas entranhas da mais temida prisão de Israel. E, como o leitor ficará a saber, fiz escolhas que me tornaram um traidor aos olhos do povo que amo.

Essa jornada improvável fez-me passar por lugares obscuros e deu-me acesso a segredos extraordinários. Nas páginas deste livro, revelo finalmente alguns desses antigos segredos, expondo factos e processos que, até agora, apenas eram do conhecimento de algumas pessoas sinistras.

A revelação dessas verdades provavelmente propagará ondas de choque em certas regiões do Médio Oriente, mas espero que também traga conforto às famílias de muitas vítimas desse conflito interminável e as ajude a pôr um ponto final no seu sofrimento.

Hoje, ao conviver com cidadãos americanos, vejo que muitos deles têm inúmeras perguntas sobre o conflito árabe-israelita, mas poucas respostas e informações pertinentes. Ouço perguntas como:

- «Porque é que as pessoas não conseguem conviver umas com as outras no Médio Oriente?»
- «Quem tem razão: os israelitas ou os palestinianos?»
- «A quem é que a terra realmente pertence? Porque é que os palestinianos não se mudam simplesmente para outros países árabes?»
- «Porque é que Israel não devolve a terra e as propriedades que conquistou na Guerra dos Seis Dias, em 1967?»
- «Por que motivo tantos palestinianos ainda vivem em campos de refugiados? Porque é que não têm o seu próprio estado?»
- «Porque é que os palestinianos odeiam tanto Israel?»
- «Como é que Israel se consegue proteger de terroristas suicidas e de bombardeamentos frequentes?»

Todas estas perguntas são válidas, mas nenhuma delas toca na verdadeira questão, na origem do problema. O atual conflito remonta à animosidade entre Sara e Hagar, descrita no Génesis, o primeiro livro da Bíblia. No entanto, para entender a realidade política e cultural do Médio Oriente, não precisamos de ir muito além das consequências da Primeira Guerra Mundial.

Quando o combate terminou, os territórios da Palestina, lar do povo palestiniano há séculos, ficaram sob o mandato da Grã-Bretanha. E o governo britânico apresentou um plano inesperado para a região na Declaração de Balfour, em 1917: «O governo de Sua Majestade encara de maneira favorável o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu.»

Estimulados pelo governo britânico, centenas de milhares de imigrantes judeus, a maioria do Leste Europeu, chegaram aos territórios palestinianos. Os conflitos entre árabes e judeus eram inevitáveis.



Israel tornou-se um estado em 1948. Os territórios palestinos, porém, continuaram a ser apenas territórios não soberanos. Sem uma Constituição para manter uma aparência de ordem, a lei religiosa tornou-se a autoridade suprema. Quando todos são livres de interpretar e fazer cumprir a lei da maneira que acham justa, o caos instala-se. Para o mundo exterior, o conflito no Médio Oriente é simplesmente uma disputa acérrima por causa de uma pequena faixa de terra. No entanto, a verdadeira questão é que até agora ninguém entendeu o verdadeiro problema. Por isso, desde Camp David até Oslo, os principais envolvidos nas negociações insistem em engessar as pernas e os braços de um paciente que sofre do coração.

Por favor, entendam que não escrevi este livro por me considerar mais esperto ou inteligente do que os grandes pensadores da nossa época. Não é nada disso. Acredito, porém, que Deus me dotou de uma perspectiva singular, ao colocar-me em vários lados de um conflito aparentemente insolúvel. A minha vida tem sido fragmentada como aquele pequeno pedaço de terra no Mediterrâneo que alguns chamam de Israel e outros de Palestina, ou de territórios ocupados.

O meu propósito nas páginas que se seguem é esclarecer acontecimentos fundamentais, revelar alguns segredos e, se tudo correr como esperado, plantar no leitor a semente da esperança de que o impossível pode ser concretizado.

## MAPA DE ISRAEL E DOS TERRITÓRIOS OCUPADOS

